

# STEPHEN KING

## NOVEMBRO DE 63

... EXTRA

SÁBADO, 23 DE NOVEMBRO DE 1963

DEZ CENTAVOS

# JFK MORTO A TIROS, LBJ EMPOSSADO

Primeira-dama escapa  
ileso; atirador acusado  
pelo assassinato  
por MAX H. O'FELL



**SUMA**  
de letras

DALLAS, 23 Nov. (AP) — O presidente John Fitzgerald Kennedy e sua esposa, a primeira-dama dos Estados Unidos, Jacqueline Kennedy, foram assassinados a tiros hoje em um curto percurso de uma viagem em um carro de Dallas. Ela se escapou de ferimentos graves de um ataque de rifle. Kennedy morreu de ferimentos causados por um tiro na cabeça, pouco depois de sair do carro. O assassinato ocorreu em um momento de grande tensão política.

O vice-presidente Lyndon B. Johnson, que também participou do cortejo, foi empurrado para o chão por um tiro na cabeça, mas não foi ferido. Ele morreu de ferimentos causados por um tiro na cabeça, pouco depois de sair do carro.

O segundo, Lee Harvey Oswald, 24 anos e morador de Dallas, foi preso pela polícia local e detido pelo crime. Oswald foi acusado pelo assassinato da primeira-dama e do presidente. Oswald foi executado por um tiro na cabeça, pouco depois de sair do carro. Oswald foi executado por um tiro na cabeça, pouco depois de sair do carro.

O presidente e sua esposa cercados pela a polícia de Dallas. Foto em 23 de novembro de 1963

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.*



# STEPHEN KING

## NOVEMBRO DE 63

*Tradução*  
Beatriz Medina



Copyright © 2011 by Stephen King

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA OBJETIVA LTDA.  
Rua Cosme Velho, 103  
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090  
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825  
www.objetiva.com.br

Título original  
11/22/63

Capa  
Adaptação de Barbara Estrada sobre design original de Rex Bonomelli

Imagens de capa  
© Bettmann/CORBIS.

Revisão  
Ana Kronemberger  
Raquel Correa  
Joana Milli

Coordenação de e-book  
Marcelo Xavier

Conversão para e-book  
Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K64n

King, Stephen

Novembro de 63 [recurso eletrônico] / Stephen King ; tradução Beatriz Medina. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013.

523 p., recurso digital

Tradução de: 11/22/63

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8105-191-8 (recurso eletrônico)

1. Kennedy, John F. (John Fitzgerald), 1917-1963 - Ficção. 2. Ficção americana. 3. Livros eletrônicos. I. Medina, Beatriz. II. Título.

13-03119 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Para Zelda  
Oi, querida, bem-vinda à festa.

Para a razão, é praticamente inassimilável que um homenzinho solitário derrube um gigante no meio das suas limusines, legiões, multidão e segurança. Se um zero à esquerda como esse destruiu o líder do país mais poderoso da Terra, um mundo de desproporção nos engole, e vivemos num universo que é absurdo.

Norman Mailer

Quando há amor, marcas de varíola são lindas como covinhas.

Provérbio japonês

Dançar é viver.

NOVEMBRO DE 63

Nunca fui homem de chorar.

A minha ex-mulher dizia que a minha “gama emocional inexistente” era a principal razão de ela ter me deixado (como se o sujeito que ela conheceu nas reuniões do AA não tivesse importância). Christy disse que talvez conseguisse me perdoar por não ter chorado no enterro do pai dela; eu só o conhecia havia uns seis anos e não poderia entender que homem maravilhoso e generoso ele fora (um Mustang conversível de presente na formatura do ensino médio, por exemplo). Mas depois, quando não chorei no enterro dos meus pais — eles morreram com dois anos de diferença apenas, papai de câncer de estômago e mamãe de um enfarte fulminante quando caminhava numa praia da Flórida —, ela começou a entender a coisa da gama inexistente. Eu era “incapaz de sentir os meus sentimentos”, como eles dizem no AA.

— *Nunca* te vi chorar — acusou ela, falando com a voz monótona que todos usam quando exprimem a pá de cal última e absoluta de um relacionamento. — Nem quando você me falou que eu tinha que ir me tratar, senão você ia embora.

Essa conversa aconteceu umas seis semanas antes de ela fazer as malas, levar tudo para o outro lado da cidade e ir morar com Mel Thompson. “Rapaz conhece garota no encontro do AA” — é outro ditado daquelas reuniões.

Não chorei quando me despedi dela. Também não chorei quando voltei para dentro da casinha miúda com hipoteca grandona. A casa aonde nenhum bebê chegou nem chegará. Só me deitei na cama que agora era só minha, pus o braço sobre os olhos e gemi.

Sem lágrimas.

Mas não sou emocionalmente travado. Nisso Christy estava errada. Certo dia, quando eu tinha 9 anos, a minha mãe me esperava na porta quando voltei da escola. E disse que Rags, o meu collie, tinha sido atropelado e morto por um caminhão que nem sequer parou. Não chorei quando o enterramos, embora meu pai me dissesse que ninguém pensaria mal de mim se eu chorasse, mas chorei quando ela me contou. Em parte por ser a minha primeira experiência com a morte; principalmente porque era responsabilidade minha cuidar para que ele ficasse preso em segurança no quintal dos fundos.

E chorei quando o médico da mamãe ligou para me dizer o que acontecera naquele dia na praia.

— Sinto muito, mas não tinha nada a ser feito — contou ele. — Às vezes é muito de repente, e os médicos costumam achar isso uma bênção.

Christy não estava lá — teve de ficar até tarde na escola aquele dia e conversar com uma mãe com dúvidas sobre o último boletim do filho — mas chorei, sim. Entrei na nossa pequena lavanderia e tirei do cesto um lençol sujo e chorei dentro dele. Não por muito tempo, mas as lágrimas vieram. Eu poderia ter lhe contado mais tarde, mas não vi razão, em parte porque ela pensaria que eu estava mendigando piedade (essa não é uma expressão do AA, mas talvez devesse ser), em parte porque não acho que a capacidade de se desmanchar em lágrimas no momento certo deveria ser requisito para o sucesso de um casamento.

Pensando bem, nunca vi o meu pai chorar; no máximo da emoção, ele podia soltar um suspiro profundo ou dar uma risadinha relutante; para William Epping, nada de bater no peito nem gargalhar com a barriga. Ele era do tipo forte e calado e, na maior parte do tempo, a



minha mãe também. Então talvez essa coisa de não chorar facilmente seja genética. Mas travado? Incapaz de sentir os meus sentimentos? Não, essas coisas nunca fui.

Além da vez em que recebi a notícia de mamãe, só me lembro de uma ocasião em que chorei já adulto, e foi quando li a história do pai do zelador. Eu estava sozinho na sala de professores da Lisbon High School corrigindo uma pilha de redações escritas pela turma de inglês do supletivo. No fim do corredor dava para ouvir o barulho da bola de basquete, o clamor da buzina do fim do intervalo e os gritos da multidão enquanto as feras do esporte lutavam: os Galgos de Lisbon contra os Tigres de Jay.

Quem consegue saber quando e por que a vida pende na balança?

O tema que passei foi “O dia que mudou a minha vida”. A maioria das redações era sincera, mas horrível: histórias sentimentais sobre a tia bondosa que acolhera a adolescente grávida, o colega do Exército que demonstrara o verdadeiro significado de bravura, um encontro por acaso com uma celebridade (Alex Trebek, apresentador de *Jeopardy!*, acho, ou talvez tenha sido Karl Malden). Qualquer professor que já recebeu uns 3 ou 4 mil dólares por ano a mais para lecionar num curso supletivo sabe muito bem como esses textos são deprimentes. A questão da avaliação e da nota nem era o problema, pelo menos não para mim; eu aprovava todo mundo, porque nunca tive um aluno adulto que não estivesse se esforçando de verdade. Quem entregasse uma folha de papel com algo escrito podia ter certeza da aprovação de Jake Epping do departamento de inglês da Lisbon High School, e se esse escrito estivesse organizado em parágrafos de verdade, levava no mínimo um B-menos.

Tal trabalho era difícil porque a caneta vermelha acabou se tornando minha principal ferramenta de ensino, em vez da boca, e eu já a tinha esgotado quase completamente. E o trabalho era desanimador pois eu sabia que muito pouco daquelas lições da caneta vermelha permaneceriam; quem chega aos 25 ou 30 anos sem saber ortografia (*sincero*, não *cinsero*), usar maiúsculas (*Casa Branca* e não *casa-branca*) nem escrever uma oração contendo substantivo e verbo, provavelmente nunca vai aprender. Mas nós insistimos, circulando corajosamente a palavra mal-usada em frases como *Meu marido me julgou depressa de mais* ou riscando *vez* e trocando por *vezes* na frase *Depois nadei um monte de vez para longe da boia*.

Era esse trabalho cansativo e desanimador que eu fazia naquela noite, enquanto logo ali do lado outra partida de basquete colegial seguia rumo ao apito final, mundo sem fim, amém. Não fazia muito tempo que Christy saíra da reabilitação, e suponho que a minha única esperança era chegar em casa e encontrá-la sóbria (e encontrei; ela aguentou a sobriedade melhor do que aguentou o marido). Lembro que estava com um pouco de dor de cabeça e esfregava as têmporas do jeito que a gente faz quando tenta impedir que um cutucãozinho se transforme num porradão. Lembro-me de ter pensado: *Mais três dessas, só três, e posso ir embora daqui. Posso ir para casa, preparar um copão de chocolate instantâneo e mergulhar no novo romance de John Irving sem essas coisas sinceras, mas malfeitas, penduradas sobre a minha cabeça*.

Não houve violinos nem sinos de alarme quando puxei a redação do zelador do alto da pilha e a pus diante de mim, nenhuma sensação de que a minha vidinha estava prestes a mudar. Mas a gente nunca sabe, né? A vida muda sem aviso.

Ele escrevera com uma caneta barata que manchava as cinco páginas em vários pontos. A letra era um rabisco grande mas legível, e ele escrevia com força, porque na verdade as letras

estavam entalhadas nas folhas de caderno barato; se eu fechasse os olhos e passasse a ponta dos dedos sobre o verso daquelas páginas arrancadas, seria como ler braille. Havia uma voltinha, quase um floreio, no final de cada y minúsculo. Lembro-me disso com bastante clareza.

Lembro-me também de como a redação começava. Lembro-me de cada palavra.

*Não foi um dia foi uma noite. A noite que mudou minha vida foi a noite que meu pai matou minha mãe e dois irmãos e me maxucou muito. Maxucou minha irmã também, tão maxucada que ela ficou de coma. Dali três anos ela morreu sem acordar. O nome dela era Ellen e eu gostava muito dela. Ela adorava colher floris pra botar nos vasos.*

A meio caminho da primeira página, os meus olhos começaram a arder e pousei a minha fiel caneta vermelha. Foi quando cheguei à parte em que ele engatinha para debaixo da cama com sangue correndo nos olhos (*também correu pela minha garganta e tinha um gosto horrível*) que comecei a chorar — Christy ficaria orgulhosíssima. Li tudo até o final sem fazer uma única correção, limpando os olhos para que as lágrimas não caíssem nas páginas que, obviamente, lhe custaram tanto esforço. Eu não tinha achado que ele era mais lento do que o resto, talvez só meio degrau acima do que se costumava chamar de “retardado educável”? Bem, por Deus, havia uma razão para isso, não havia? E uma razão para ser manco, também. Era um milagre que estivesse vivo. Mas estava. Um homem bom que sorria sempre e nunca erguia a voz para as crianças. Um homem bom que passara pelo inferno e se esforçava — humilde e esperançoso, como a maioria deles — para obter o diploma do curso secundário. Mesmo que continuasse como zelador pelo resto da vida, apenas um sujeito de calça verde ou marrom a empunhar a vassoura ou a raspar chiclete do chão com a espátula que sempre levava no bolso de trás. Talvez pudesse ter sido outra coisa, mas certa noite a sua vida mudou sem aviso, e agora ele era apenas um homem de macacão que os garotos chamavam de Harry Sapo por causa do jeito como andava.

Então chorei. Eram lágrimas de verdade, do tipo que vem lá do fundo. Pelo corredor, dava para ouvir a banda de Lisbon tocando a música da vitória — então o time da casa vencera, bom para eles. Mais tarde, talvez, Harry e alguns colegas empurrariam as arquibancadas para varrer o lixo que caíra embaixo.

Risquei um grande A vermelho no alto da redação. Olhei para ela alguns instantes e acrescentei um grande + vermelho. Porque era boa, e porque a dor dele provocara em mim, o leitor, uma reação emocional. Não é isso que textos A+ deveriam fazer? Provocar reações?

Quanto a mim, gostaria que a ex-senhora Christy Epping estivesse certa. Gostaria de ser emocionalmente travado, afinal de contas. Porque tudo o que se seguiu — cada uma daquelas coisas terríveis — veio daquelas lágrimas.

## Obrigado por visitar este ebook!

Você pode ler a versão completa deste ebook em diferentes formatos:

- HTML (Grátis / disponível para todos os usuários).
- PDF / TXT (Disponível para membros VIP. Membros com uma inscrição básica podem acessar até 5 ebooks em formato PDF / TXT durante o mês).
- Epub e Mobipocket (Exclusivo para membros VIP).

Para baixar esse livro completo, basta selecionar abaixo o formato desejado:

